

BAUDELAIRE NO BRASIL: CLODOMIRO CARDOSO, UM MISTÉRIO REVELADO

Ricardo MEIRELLES¹

RESUMO: Este artigo parte da reunião das traduções dos poemas do livro *Les Fleurs du mal*, de 1857, de Charles Baudelaire, publicadas no Brasil, e procura refletir sobre a relevância e o diálogo dessas traduções dentro da história da literatura brasileira e sobre qual é o seu posicionamento em relação à obra francesa. Dentro da diversidade de tradutores, mais de 60, alguns se destacam por suas qualidades estéticas ou sua relevância literária. Observa-se, em particular, o poeta e tradutor maranhense Clodomiro Cardoso como expressão significante dessa recepção.

ABSTRACT: This article takes as its starting point the many translations of poems in the book "Les Fleurs du Mal" of 1857 by Charles Baudelaire, published in Brazil and it represents either a reflection on the relevance and the role of these translations in the history of Brazilian literature or what is its position in relation to the French work. Within the diversity of translators, more than 60, some are distinguished for their aesthetic qualities or their literary relevance. It can be observed, in particular, in the poet and maranhense translator Clodomiro Cardoso as a significant expression of this reception.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da reunião das traduções dos poemas do livro *Les Fleurs du mal*, de 1857, do poeta francês Charles Baudelaire, publicadas no Brasil – compreendida, primeiro, pela minha dissertação de mestrado (MEIRELLES, 2003), sendo que agora estudo principalmente aquelas realizadas a partir de 1957 – e procura refletir sobre a relevância e o diálogo dessas traduções dentro da história da literatura brasileira e sobre qual é o posicionamento por elas manifestado em relação à obra francesa.

Tendo em vista que esse não é um estudo definitivo sobre a recepção do livro de Baudelaire no Brasil, o levantamento realizado contribui como ponto de partida para qualquer análise posterior sobre a influência do mestre francês em nossa literatura, visto que através das traduções é possível determinar os sintomas principais de uma influência e indicar os rumos por ela tomados (BARBOZA, 1974, p. 25).

Vários autores se preocuparam em verificar como e porque se deu a influência de tal livro francês ao longo da história da literatura brasileira: primeiro, Félix Pacheco

¹ Doutorando em Língua e Literatura Francesa (DLM/FFLCH/USP).

(1933) escreveu inúmeros artigos de jornal e quatro livros sobre o poeta francês. Em 1958 Haddad (BAUDELAIRE, 1958) lança a primeira tradução integral do livro e expõe um levantamento de quem e quando se traduziu cada poema. Em 1963, Bastos (1963) lança o seu *Baudelaire no idioma vernáculo*, em que se preocupou em determinar e registrar quem, quando e onde se deram traduções do livro no Brasil. Em 1985, Junqueira (BAUDELAIRE, 1985) faz acompanhar sua edição integral de uma extensa referência bibliográfica sobre as notícias de traduções, integrais ou parciais. Finalmente, Jouët-Pastré (1999) em sua tese *Jogos de poder nas traduções brasileiras d'As Flores do Mal* reúne os três levantamentos anteriores, além de acrescentar em sua lista novas descobertas e as traduções de publicação mais recente.

Ao contrário das iniciativas anteriores, este trabalho, determinado em não se limitar apenas ao endereçamento bibliográfico, procurou colecionar de fato todas as traduções, partindo da coleção pessoal, de professores, amigos e outros interessados nos poemas do livro francês, além de tomar como base todos os levantamentos conhecidos e relacionados até então, recolhendo o maior número possível de traduções, *verificando in loco* suas publicações e registrando em um banco de dados todas aquelas encontradas, compondo assim uma extensa e significativa baudelaireana.

Dos diversos poetas brasileiros que se aventuraram a traduzir poemas de Baudelaire – mais de sessenta, sendo que apenas três o fizeram por completo – alguns deles se sobressaíram não só pela sua filiação ao bardo francês, mas também pela apropriação e transformação que operaram ao produzir tanto suas traduções quanto seus próprios poemas.

Dentre eles, o maranhense Clodomiro Cardoso é um dos que se destacam - além da empatia explícita e manifesta com os princípios poéticos do poeta francês - não pela sua qualidade poética, nem pelas traduções de diversos poemas, mas, mais do que isso, pela curiosidade literária em que se constituiu, sendo parte relevante da recepção brasileira, num momento significativo, de uma importante obra literária universal.

2. CLODOMIRO CARDOSO OU C. C., UM MISTÉRIO REVELADO

A primeira notícia literária que se tem deste poeta, Clodomiro Cardoso, talvez seja a nota que Jamil Almansur Haddad faz na página 89 da sua primeira edição de *As flores do mal* em 1957; uma nota no mínimo instigante, que já apresenta o volume encontrado depois na Biblioteca Pública Municipal de São Paulo “Mário de Andrade”, na seção de livros raros. Volume singular, composto de uma série de trinta e nove poemas datilografados em papel decorado do tipo missal – com motivos cristãos, como cruzeiros, sinos, pombas, hóstias, etc. – acompanhados de uma dedicatória, reunidos e encadernados na forma de livro posteriormente, talvez pela própria biblioteca.

Mas em vez de explicar, essa nota de Haddad traz sim uma série de equívocos e de dúvidas justificáveis, além de uma crítica sucinta, tanto das traduções em questão quanto do seu detentor, Félix Pacheco. Hei-la:

C. C. nos são iniciais misteriosas e podem constituir um pequeno caso literário brasileiro. O autor, que se escondeu debaixo desse anonimato, reuniu quarenta traduções das *Flôres do mal*. Essas versões desconhecidas, de qualidade regular, o tradutor reuniu-as cuidadosamente num álbum que ofereceu a Félix Pacheco que passava, nos seus dias, por ser o nosso primeiro baudelaireano, não

obstante as suas traduções estarem muitas vezes aquém das de poetas outros que, por aqueles dias, também se davam à angústia ou ao encantamento de igualmente traduzir as Flôres do mal. A livraria desse homem de letras foi posteriormente vendida à Biblioteca Municipal de São Paulo e na sua secção de livros raros pudemos compulsar tão escondido volume. A quem tiver interesse em redimir da possível sombra do anonimato este tradutor, podemos adiantar a nossa impressão de que a oferta a F. Pacheco pode se ter dado pelas alturas de 1920. Acresce que o álbum em questão é pleno de decorações litúrgicas. O tradutor seria um padre? E teria entendido essas suas incursões baudelairianas como alguma coisa de incompatível com a sua condição de religioso? (BAUDELAIRE, 1958:28)

Tal nota acompanha o poema “Benedição”; entretanto não é esse o primeiro da ordem do volume encadernado, que começa por “Uma dama dos trópicos”, tradução de “A une dame creôle”. Tal ordem parece arbitrária, mas serve de justificativa às dúvidas finais de Jamil Almansur Haddad: o tradutor seria um padre e comete o sacrilégio de ler Baudelaire? Pois ele traduz poemas como “Le mauvais moine” e “Bénédiction”, mas sua escolha se distribui de forma bem variada ao longo do conjunto do livro.

Tive então o “interesse de redimir da possível sombra do anonimato este tradutor” e, conversando com o bibliotecário da biblioteca pública já citada, descobri que há uma carta, que deveria acompanhar tais traduções misteriosas. Essa carta resolve, senão todos, a maior parte das dúvidas levantadas por Jamil Almansur Haddad: C.C. é na verdade Clodomiro Cardoso, talvez outro maranhense, amigo de Félix Pacheco. A oferta dos poemas não se dá nas alturas de 1920 e sim em finais de 1934. Decerto não é um padre, pois tem, além de outras, tem uma filha amiguinha da filha de Pacheco. Eis a carta encontrada:

Rio, 10/IX/1934

Exm.: Sr. Dr. Félix Pacheco,

Eminente e prezado amigo;

Pela Lenilê, envio-lhe, num álbum, algumas das traduções das Flores do Mal, a que se aventurou a minha ousadia. Não tenho em mira, está visto, retribuir os brindes com que me ha contundido a sua amabilidade, a cujos extremos devo o recebimento, em exemplares especiais, das suas magnificas baudelairianas: Mandei-lhe os meus agradecimentos de S. Luis, onde tive a surpresa dos primeiros volumes, e a elles reuno agora os que lhe devo ainda pela remessa dos últimos.

Também já lhe disse, embora num resumo telegraphico, todo o encanto com que reli não só as suas traduções, onde se sente a alma de um grande poeta nas vibrações, ha de outro, serão também os seus comentários, a sua crítica, a prosa tão viva e brilhante quanto natural e leve, em que o escriptor casa á sua qualidade de artista a de jornalista.

Remettendo-lhe as minhas versões, quero apenas significar quão extenso tem sido o movimento que a sua apurada arte, passando Baudelaire para a nossa língua, e estudando assim o autor como a obra, ha suscitado no nosso meio. Só assim, de facto, se explica que elle hovesse tocado a sensibilidade de um homem a quem nem a mocidade, defluída quasi toda entre cogitações do direito e as agitações da política, nem a influência da terra em que nasceu, a terra onde cantam os sabiás, lograram arrancar qualquer vibração em rimas. Os dois outros malacabados sonetos com que se assignalavam as minhas primeiras inflexões pelo domínio encantado da poesia, são faltas de adolescência...

Das actuaes, perpetuadas após a sucessão de tantos invernos, cabe-lhe, inteira, a responsabilidade... Era, natural, portanto, que as suas mãos, e não a outros, fosse ter o corpo de delito, reverso da medalha em cujo anverso se inscreve o mérito da obra que lhe ficam devendo as nossas e as letras francezas.

É a obra de um dos poetas que primeiro sentiram, entre nós, a influência da arte baudelairiana, e que, havendo sobrevivido aos companheiros, sente, ainda hoje, sobe a pátria de prata dos cabelos, as mesmas fagulhas doiradas do ideal artístico.

Vão ahí as minhas traduções, e, como as que já se acham em seu poder, apenas com as iniciais do meu nome. Seria, com effeito, estranho que este apparecesse, pela primeira vez, anteposto a uma

colletanea de poesias, embora se trate de simples traduções, quanto a minha filha mais nova, com quanto ainda adolescente, é a amiguinha da sua Martha.

Seu

Admirador e amigo

Clodomiro Cardoso (CARDOSO, 1934)

Clodomiro Cardoso esclarece que “nem a mocidade, defluida quasi toda entre cogitações do direito e as agitações da política, nem a influência da terra em que nasceu, a terra onde cantam os sabiás, lograram arrancar qualquer vibração em rimas”, ou seja, pode-se entender que seus únicos versos são essas traduções, que não tem nem a pretensão de publicar e menos ainda de que seu nome as acompanhe.

3. CLODOMIRO CARDOSO, TRADUTOR DE BAUDELAIRE

Como já disse, Clodomiro Cardoso traduziu nada menos do que trinta e nove poemas do livro *Les Fleurs du Mal*, sendo que, além de traduzir os mais traduzidos, como “L’Albatroz”, “Perfum Exotique” e “L’Homme e la mer”, fez um recorte particular, escolhendo alguns poemas que não foram e não seriam escolhidos por outros tradutores parciais, com temáticas diversas e contrastantes, entre o pensamento sublime e a manifestação espiritual e a atitude bruta e a ação carnal, como os poemas “Le Mauvais Moine”, “Avec ses Vêtements Ondoyants et Nacrés”, “Confession”, “L’aube Spirituelle”, “À Une Dame Créole”, “Le Revenant”, “Madrigal Triste”, “Les Plaintes d’un Icare”, e “Le Coucher du Soleil Romantique”, alguns deles publicados por Felix Pacheco em seus artigos e livros.

O conjunto de textos produzidos por Felix Pacheco sobre a obra do poeta francês Charles Baudelaire faz parte da primeira recepção crítica partindo de traduções desse importante autor estrangeiro, e as traduções de Clodomiro Cardoso, bem como diversas outras de diversos tradutores, fazem parte de um conjunto maior que se encontra esquecido pela crítica e desconhecido do público leitor, seja ele acadêmico ou não. Chamar a atenção para estas traduções pode não só trazer um novo olhar sobre o livro francês, mas também preservar a produção periférica da nossa literatura, fundamental para o desenvolvimento de qualquer cultura.

Apresento então pelo menos uma tradução, do poema “J’aime le souvenir de ces époques nues”, que foi um dos vários poemas escolhidos unicamente por Clodomiro Cardoso:

J’aime le souvenir de ces époques nues

Amo a recordação dessas épocas nuas,
Cujas estatuas Phebo aureolava nas ruas;
Quando o homem e a mulher, na sua agilidade,
Gosavam sem mentira, e sem ansiedade,
E, amoroso, o alto ceu, que seu dorso afagava,
Pela saúde humana, incessante, velava.
Cybele, então fecunda em fructos generosos,
Nos seus filhos não via encargos onerosos,
Mas, loba, o coração repleto de ternuras,
Ao Universo offertava as tétas claro-escuras.
Elegante e robusto, o homem, na sua grei,

Podia altivo ser das que o diziam rei,
Fructos puros de ultrage e virgens depedradas,
Cuja carne viçosa exigia dentadas.
Hoje em dia, o poeta, quando quer conceber
As fórmulas naturais onde se fazem ver
Do homem e da mulher o corpo desnudado,
Sente que a alma lhe toma um tremor regelado,
Ante o estranho pavor de um quadro negro e agreste.
Monstruosidades, oh, como pedis a veste!
Ó troncos, quanto sois indignos da nudez!
Corpos onde só ha magrem ou flacidez,
E que o deus do util, deus implacavel, fatal,
Em criança enfaixou em linguas de metal!
E vós, mulheres, ai! pallidas como cirios,
Roidas pelo prazer, e vos, virginaes lyrios,
Que á herança deveis todo o vicio maternal,
Essa deformação que tendes natural.
Corrompidas nações, nós temos, é verdade,
Bellezas que jamais sentiu a antiguidade;
Que o coração roeu com o cancro interior,
E se diriam bem bellezas de langor.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO

Partindo sempre da idéia de que não há tradução perfeita, absolutamente correta, eterna e unanimemente aceitável, e que toda tradução é sempre uma recriação, sendo que a fidelidade ao texto diz respeito a uma interpretação do texto de partida, que será sempre produto da língua, da cultura e da subjetividade do tradutor, posso considerar que é no equilíbrio entre a preservação de uma poeticidade original e a recriação de uma nova poeticidade que opera a arte da tradução, tornando possível a compreensão e estendendo de diversas formas a realização de uma obra literária.

Tendo em vista que a tradução é uma forma privilegiada de concretização da obra literária, acompanhando as diversas traduções de um texto ao longo da história da literatura pode-se observar que essa repercussão sempre está delimitada pelo momento literário de quem a realiza. A repercussão da obra literária está ligada a uma avaliação estreitamente ligada à percepção estética, pressupondo, portanto, critérios de julgamento que, entretanto, não são constantes, isto é, tanto os critérios de avaliação quanto os valores literários se transformam constantemente.

Posso chegar assim à conclusão de que essas idéias podem ser aplicadas diretamente à tradução: não há apenas uma maneira de traduzir, podendo a obra estar sujeita a múltiplas avaliações, durante as quais sua forma na consciência de quem a apreende (sua concretização) está em constante mudança, da mesma forma que quaisquer teorias a respeito do ato tradutório também estariam sujeitas à essas avaliações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARBOZA, O. C. de C. (1974). *Byron no Brasil: traduções*. São Paulo: Ática. (Ensaio, 12)
BASTOS, C. T. (1963). *Baudelaire no idioma vernáculo*. Rio de Janeiro: São José.

- BAUDELAIRE, C. (1958). *As flores do mal*. Trad. pref. e notas de J. A. Haddad. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- _____. (1985). *As Flores do Mal*. Trad., introd. e notas de I. Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1968). *Oeuvres Complètes*. Préface, présentation et notes de M. A. Ruff. Paris: Aux Éditions du Seuil.
- _____. (1975). *Oeuvres Complètes*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard.
- BOSI, A. (1972). *História concisa da literatura brasileira*. 2ª edição. São Paulo: Cultrix.
- CANDIDO, A. (1987). “Os primeiros baudelairianos”, in: CANDIDO, A., *A educação pela noite*. São Paulo: Ática.
- CARDOSO, C. (1933). *Álbum inédito das traduções de C. C.* Biblioteca Pública Municipal de São Paulo “Mário de Andrade”.
- _____. (1934). *Carta*. Biblioteca Pública Municipal de São Paulo “Mário de Andrade”.
- COUTINHO, A.; COUTINHO, E. de F. (1986). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio/Eduff.
- JOUËT-PASTRÉ, C. M. C. (1999). *Jogos de poder nas traduções brasileiras d’As Flores do Mal*. Tese de doutorado inédita (Letras). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MAGALHÃES Jr, R. (1950[1933]). *Antologia de Poetas Franceses. Do século XV ao Século XX*. Rio de Janeiro: Tupy.
- MARIANO, O. (1933). *Antologia de tradutores*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- MEIRELLES, R. (2003). *Entre brumas e chuvas: tradução e influência literária*. Dissertação de mestrado inédita. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.
- MOISÉS, M. (1968). *A Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix. Roteiro das Grandes Literaturas. Vol. IV. O Simbolismo (1893-1902).
- MURICY, A. (1952). *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Depto. de Imprensa Nacional.
- PACHECO, F. (1932). “Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro.
- _____. (1933a). “Baudelaire e os milagres do poder da imaginação”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro.
- _____. (1933b). “O mar através de Baudelaire e Valéry”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro.
- _____. (1933c). “Paul Valéry e o monumento a Baudelaire em Paris”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro.
- _____. (1933d). “Baudelaire nas traduções brasileiras”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro.
- _____. (1933e). “Os tradutores brasileiros de Baudelaire”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 7 de maio.
- _____. (1934a). “Baudelaire e os gatos”. Rio de Janeiro.
- _____. (1934b). “Baudelaire e Luís Delfino”, in: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 de dezembro.
- SODRÉ, N. W. (1940). *História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.